

IDENTIDADE EM FLUXO: reflexões éticas a partir da sociologia de Zygmunt Bauman
IDENTITY FLOW: ethics deliberation by the sociology of Zygmunt Bauman

Rafael Bianchi Silva¹
Ana Sophia Ludvig Bortholazzi²
Rafaela Prescinotti Vivan³

RESUMO: O objetivo desse artigo é investigar as implicações das mudanças nas relações sociais, na cultura de consumo e na construção da identidade a partir das análises realizadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para isso, explora-se a transição da sociedade moderna para contemporânea, as transformações da globalização e a sua relação com tempo-espaço e, por último, os modos de consumo e a construção da identidade. A partir da transição para a sociedade líquido-moderna, normas e tradições fixas se desfazem em busca de liberdade individual. Nessa realidade, a obsolescência é uma das características centrais e o consumo transformou-se em modelo social. Nesse contexto, as identidades precisam ser reconstruídas imperativamente, retirando do sujeito o tempo necessário para assimilação de seus fracassos, de suas contradições e seus sofrimentos. Conclui-se que é necessário ampliar o questionamento acerca dos efeitos de tal condição para assim traçar suas possibilidades de enfrentamento.

Palavras-Chaves: Zygmunt Bauman; Identidade; Contemporaneidade; Consumismo; Ética.

ABSTRACT: The objective of this article is to investigate the implications of the changes in social relations, consumer culture and the construction of identity based on analyzes performed by the polish sociologist Zygmunt Bauman. Therefore, the article explores the transition from modern to contemporary society, the transformations of globalization and their relationship with time and space, and finally, the modes of consumption and identity construction. With the transition to liquid-modern society, fixed norms and traditions are being dissolved in the search for individual freedom. In this reality, obsolescence has become one of the central characteristic and consumption has become a social model. In this context, identities must be imperatively reconstructed, taking away the time needed by the individual

¹Pós-Doutor em Psicologia (UEM). Doutorado em Educação (UNESP/Marília). Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Email: rafael.bianchi@uel.br

² Aluna do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista de Iniciação Científica CNPq/UEL. Email: anasophialudwigb@gmail.com

³ Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista de Iniciação Científica CNPq/UEL (2022-2023). Email: rafaelavivan1@gmail.com

to assimilate their failures, contradictions and suffering. The conclusion is that it is necessary to expand the questioning about the effects of this condition in order to outline coping possibilities.

Keywords: Zygmunt Bauman; Identity; Contemporaneity; Consumerism; Ethics.

INTRODUÇÃO

Com a transição da sociedade moderna para sua versão contemporânea, a qual o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) denominou "sociedade líquido-moderna", produziu transformações importantes no campo das dinâmicas sociais, nas relações interpessoais e institucionais e nas identidades. Diferentemente do momento anterior, atualmente, não somos mais estáveis como eram e pretendiam as sociedades tradicionais. A relação com o mundo está se transformando em algo mais efêmero, flexível e fragmentado, permeado por uma constante incerteza e instabilidade, o que faz com que os referenciais e as normas tenham perdido sua validade incondicional e, conseqüentemente, sentido. O que antes era estável e duradouro tornou-se temporário e passageiro, gerando novas formas de pensar o tempo, o espaço e as relações de poder.

Diferentemente da sociedade moderna, o contexto contemporâneo não se mantém pela renúncia dos prazeres individuais em prol de uma segurança coletiva, mas pelo incentivo da liberdade soberana do indivíduo em busca do gozo a qualquer preço e custo. Como bem pontua Saroldi (2012, p. 93), "até a modernidade a liberdade era sacrificada em nome da segurança. Hoje, é ela que se sacrifica pela liberdade". Agora, a escolha de cada pessoa deve definir seus próprios limites de responsabilidade e decidir até onde está disposta a sacrificar seu bem-estar pessoal para cumprir suas obrigações morais com os outros. A tudo isso, observa-se uma crescente onda de insatisfação e insegurança entre os sujeitos, convocando-nos a repensar sobre o impacto das transformações contemporâneas vivenciadas pelos indivíduos, já que a obsolescência e a descartabilidade não se limitam mais aos bens materiais, mas permeiam também as relações humanas e as identidades, que se tornaram cada vez mais flexíveis e transitórias (BAUMAN, 2011). Nesta nova configuração,

o conceito de "derretimento dos sólidos" proposto por Bauman (2001) refere-se à dissolução das estruturas fixas e previsíveis que moldavam a vida social, como tradições, valores e instituições. Nesse contexto, o amor e os relacionamentos também são vividos com uma volatilidade intrínseca, refletindo a incerteza que permeia a vida contemporânea. Ao explorar a questão do amor em sua versão líquida, Bauman (2004) destaca como a fluidez das relações humanas impacta diretamente a forma como as identidades são construídas, resultando em uma instabilidade que caracteriza a subjetividade atual.

O presente trabalho busca analisar as implicações dessa transformação e o impacto da cultura do consumo na identidade e nas relações sociais. Ao longo do texto, será explorado como a noção de identidade se transforma, deixando de ser algo fixo e predeterminado para se tornar uma construção fluida, moldada pelo consumo e pelas escolhas momentâneas. Além disso, será analisada a relação desse fenômeno com a aceleração do tempo e compressão do espaço, impulsionada pela tecnologia e globalização, além da crescente desigualdade resultante desse processo. Por fim, ao discutir a sociedade líquido-moderna de Bauman, o artigo propõe uma reflexão crítica ante o desengajamento político e à superficialidade das relações humanas, que passam a ser mediadas por interesses mercadológicos e por um desejo de satisfação imediata. Ao investigar essas dinâmicas, buscamos compreender como a condição contemporânea desafia a noção de permanência e estabilidade e como os sujeitos são compelidos a se reinventar continuamente, em um mundo onde nada parece ser duradouro. Enquanto metodologia realizou-se uma investigação bibliográfica envolvendo um exame teórico de algumas obras de Zygmunt Bauman (1992; 1998; 1999; 2001; 2003; 2004; 2005; 2009; 2011) voltadas para identificação e compreensão dos fenômenos e seus significados a partir de sua significação a partir do contemporâneo. O trabalho de pesquisa foi realizado em quatro etapas: inicialmente, discorre sobre a passagem da sociedade moderna para a pós-modernidade, delineando suas diferenças e transformações, a fim de compreender a lógica da flexibilização da vida. Em seguida, adentra na questão da globalização e suas transformações referentes

ao tempo e ao espaço. Nas etapas finais, respectivamente, explora-se a relação do sujeito com o consumo e com sua identidade.

1. SOBRE PRESENTE E FUTURO

Em sua descrição sobre a sociedade moderna, Bauman (2001) coloca em análise o que chamou de derretimento dos sólidos. A busca pelo esmagamento da tradição, dos costumes e obrigações pré-modernas era evidenciado pelo desejo de descobrir novos, aperfeiçoados e confiáveis sólidos que tornariam o mundo mais ordenado, previsível, administrável e amistoso e, portanto, mais duradouro. Nesse contexto, a autonomia representava a esperança e a expectativa de colocar em prática ações racionais que protegessem a nova adquirida liberdade individual e coletiva. Entretanto, essa missão de construir novas normas duradouras foi redirecionada para a dissolução de toda e qualquer ordem fixa que impedisse o indivíduo de movimentar-se livremente. Pelo uso de sua conquistada liberdade, a tarefa desses indivíduos passa a ser o dever de se manter em movimento e se adaptar continuamente em frente às condições de instabilidade vivenciadas em âmbito local e global (BAUMAN, 2001).

No contexto de solidez, a sociedade tinha como princípio de ação a perspectiva de durabilidade de relações afetivas, laborais, políticas e artísticas. Uma vez que buscava a permanência que a vida mortal, por si mesma, não tem, preservar o passado e criar possibilidades de futuro torna-se uma estratégia de vida em face da consciência dos sujeitos de sua condição de iminência da morte (BAUMAN, 1992). Em contraposição, a sociedade líquido-moderna trouxe consigo uma indiferença e despreocupação com a eterna duração em favor do momento presente. A possibilidade de consumo imediato faz com que a experiência pareça ter a capacidade infinita na qual não há limites sobre o que pode ser extraído do momento presente. Perante o comando da transitoriedade, objetos e relações já possuem data de expiração a fim de que abram espaço para outros novos e, igualmente efêmeros, produtos a serem consumidos instantaneamente. Segundo Bauman (2010, p.35), nesse contexto:

[...] Para conquistar sua emancipação, a economia líquido-moderna, centrada no consumidor, se baseia no excesso de ofertas, no envelhecimento cada vez mais acelerado do que se oferece e na rápida dissipação de ser poder de sedução – o que, diga-se de passagem, a transforma numa economia da dissipação e do desperdício.

A respeito disso, o autor (2011) cita o caso de um jovem empresário que, promovido até o topo da empresa, perdeu todo o seu trabalho quando a empresa foi à falência. Dito isso, os jovens, cientes tanto da possibilidade de fracasso ao se comprometerem com funções de longo prazo (como obter um diploma ou um emprego fixo) quanto da chance de obter prazer imediato em atividades presentes, como parcelar viagens, levam a vida flutuando entre essas escolhas. Desfrutam de sua liberdade e da ausência de grandes responsabilidades, até que sejam, possivelmente, surpreendidos por um golpe de sorte. A partir disso, produz-se o incentivo ao gozo imediato em detrimento de um planejamento de ação voltado para o tempo futuro. A ampliação de meios disponíveis para a experiência de prazer (ou a fuga do desprazer), coloca em primeiro plano não mais a questão acerca das finalidades da ação, mas sim, dos meios para atingi-los. Visto que não há razão para adiar a realização dos desejos, constroem-se meios para usufruto do que se encontra disponível, Bauman pontua que “a cultura dos cartões de crédito substituiu a das cadernetas de poupança” (2009, p. 309). Ou seja, diferente da ação de guardar o que é necessário para adquirir o bem, incentiva-se a possibilidade de acessá-lo sem o dinheiro para compra-lo, lançando uma dívida para um futuro que nem se sabe que vai existir. Viver num mundo cheio de oportunidades, de máximo impacto e obsolescência, seja ela instantânea ou programada, sugere uma “liberdade de tornar-se qualquer um” (BAUMAN, 2001, p. 74), pois o ato de comprar e descartar identidades aparece como sinônimo de liberdade na sociedade de consumo. Tal ponto materializa a ideia de que “tudo na sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha – a compulsão que evolui até se tornar um vício e assim não

é mais percebida como compulsão” (BAUMAN, 2001, p. 87). Dessa forma, o exercício de escolher consumir é mais essencial do que a coisa em si escolhida a ser consumida.

Em um contexto marcado pelo imperativo da atualização, tudo o que impede ou restringe a mobilidade, como a solidez, passa a ser visto como um risco. Observa-se um duplo movimento: por um lado, a descrença da existência de um mundo conhecido pelo progresso e inovação; por outro, a insatisfação com a reciclagem ininterrupta das coisas já existentes. Esse cenário, expõe a maneira pela qual a novidade exige que o antigo seja combatido e superado. O resultado dessa incerteza compartilhada na produção de subjetividade é a busca imperativa pela flexibilidade, o que implica na habilidade de esquecer e descartar imediatamente antigos referenciais substituindo-os por outros mais inéditos. Tal posição, carrega o lembrete de que um juramento de lealdade por toda vida equivale-se a assinar uma sentença de morte, afinal, numa sociedade líquido-moderna, nenhuma característica válida é eterna (BAUMAN, 2009). Essa descartabilidade e velocidade da reciclagem que trazem ganhos potenciais em diferentes esferas da vida. Assim, observa-se que o momento vivido no presente já não é vivenciado como o mesmo em tempo futuro e que a maior parte do conhecimento pertencente ao passado não terá valor segundo a moda atual.

2. MUNDO GLOBALIZADO OU A COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO

O tempo, atravessado pela aceleração, estabelece formas de organização e mediação histórico-sociais, é responsável por regular modos, hábitos e estilos de vida dos sujeitos. Na sociedade líquido-moderna, o valor do tempo é potencializado pelos recursos informáticos que não apenas produzem uma compressão na relação espaço-tempo, mas transformam a experiência subjetiva do sujeito com o mundo (SEVERIANO, 2017). Anteriormente, o questionamento sobre o que se entendia por “espaço” e “tempo”, percorria a noção de que “espaço” é o que se pode percorrer em certo intervalo temporal e “tempo” é o que se precisa para percorrê-lo. Ao realizar uma análise histórica de fatores geográficos (em especial as distintas fronteiras naturais e artificiais dos territórios) Bauman (1999) aponta para o fim

da influência espacial sobre a liberdade de movimento. Com o desenvolvimento dos veículos, tanto transportes quanto cibernéticos, o tempo para percorrer as mesmas distâncias tornou-se maleável e controlável e a cada dia nota-se que esses instrumentos de mobilidade se tornam apenas mais velozes e menos fixos. Em tais condições, com o avanço digital e das redes de comunicação virtuais, todos os limites territoriais herdados, impostos à velocidade do movimento, poderiam ser transgredidos, pois o tempo requerido para mover-se no espaço foi reduzido à instantaneidade do sinal eletrônico (BAUMAN, 2001). Tal condição anuncia a desvalorização da relação tempo-espaço, pois não há razão em buscar o direito de acesso quando a possibilidade de alcançar os territórios mais remotos é uma garantia para aqueles que flutuam (BAUMAN, 2001). Em síntese, se nenhuma porção de tempo é perdida ou sacrificada para chegar a lugares distância, de difícil acesso ou nunca explorados. Isso faz com que os territórios sejam, eventualmente também, desprovidos de valor. No entanto, apesar do advento do digital anular a distância temporal-espacial, ao contrário de homogeneizar o acesso aos espaços, tende a polarizá-lo, pois desnuda a confinamento ao território de determinados sujeitos. Ou melhor dizendo, expõe a existência de pessoas que são propensas a serem separadas por obstáculos físicos e distâncias temporais, restando a elas observar, impotentemente, a localidade a que estão inseridas transformando-se constantemente (BAUMAN, 1999).

Dentro dessa lógica, quem possui o poder são aqueles que têm suas ações livres das normas, mas que, ao mesmo tempo, controlam e regulam, por meio da rotinização do tempo, as ações daqueles que se encontram presos a dimensão local. Nessa relação desigual, “a liberdade das primeiras é a causa principal da falta de liberdade das últimas” (BAUMAN, 2001, p. 139). As ferramentas digitais, portanto, fazem parte da nova técnica de poder moderno, leve e fluído, possuindo como principal efeito a produção ou ampliação da estratificação e exclusão social pela promoção do desengajamento e a destruição de laços sociais territorialmente enraizados. Tal desterritorialização da elite – aqueles que escolhem o afastamento da experiência da alteridade e podem pagar pelos custos dessa segurança – soam para o resto populacional, expurgado, como uma liberdade intoxicante. A privação e a

impossibilidade de mover-se pelo espaço quando desejar, apontam para sentimentos de humilhação e derrota, pois a localidade em um mundo hiperveloz além de atingir as possibilidades de consumo, expropriam antigos espaços públicos nos quais costumava-se dialogar e promover negociações, mas que a cada dia encontram-se tomados por um poder das elites extraterritoriais. É nesse panorama que é possível observar a globalização esgotar a capacidade de atuação das instituições políticas coletivas para, ao invés, promover a privatização das lutas de vida (BAUMAN, 2009). Apesar da profunda revolta da população localizada, Bauman (1999) explica que não há ninguém contra quem se rebelar, pois quem detém o poder já não ocupa mais espaços localizados e alcançáveis. A sociedade líquido-moderna garantiu aos últimos a liberdade do engajamento mútuo e a fuga fácil ante a responsabilidade e ética comunitárias. Sobre esse ponto, o autor descreve metaforicamente esse processo:

[...] passageiros do avião “Capitalismo Leve” descobrem horrorizados que a cabine do piloto está vazia e que não há meio de extrair da “caixa preta” chamada piloto automático qualquer informação sobre para onde vai o avião, onde aterrizará, quem escolherá o aeroporto e sobre se existem regras que permitam que os passageiros contribuam para a segurança da chegada (BAUMAN, 2001, p. 70).

Atualmente, a dominação e o policiamento da ordem associam-se cada vez menos com a capacidade do poder diretivo observar de perto os movimentos obedientes dos governados e, muito mais, com o sentimento de incerteza e insegurança que se reproduz por conta própria diante da opressiva flexibilização e aceleração do tempo (BAUMAN, 2003). Com a modernização e digitalização do poder e controle, nota-se o surgimento de uma versão mais vantajosa das técnicas de vigilância panópticas foucaultianas. Anteriormente, a estratégia central era provocar o sentimento de vigilância onipresente dos superiores e a ameaça de punição nos casos de comportamentos inadequados e anormais. Inclusive, em seu funcionamento ideal, “o Panóptico não permitiria qualquer espaço privado; [...] sem supervisão ou, pior ainda, não passível de supervisão” (BAUMAN, 1999, p. 49). O processo de erosão da privacidade é ampliado no contexto contemporâneo no qual toda privacidade é inserida voluntariamente na internet, espaço no qual, além de ser compartilhada, não será

esquecida. Muda-se, portanto, a noção que as pessoas possuem acerca do que é público e o que é privado. Tais práticas não serão exclusividade de apenas um grupo social, mas sim, disseminada por todo tecido social.

[...] A condição de ser observado e visto, portanto, foi reclassificada de ameaça a tentação. A promessa de visibilidade, a perspectiva de “estar exposto” para que todo mundo veja e observe, combina bem com a prova de reconhecimento social mais avidamente desejada, e, portanto, de uma existência valorizada – “significativa”. (BAUMAN, 2013, p.30).

Contudo, tendo conhecimento sobre o ciberespaço e a otimização de suas ferramentas de armazenamento de dados, eles tornam inviável a manutenção da esfera privada refugiada da observação. Cada uso da *internet*, resulta em dados armazenados em uma espécie de “superpanóptico compartilhado”, no qual os vigiados fornecem voluntariamente os dados armazenados e controlados. Trata-se de uma tática distintiva do propósito uniformizador do panóptico, visto que o banco de dados opera como um instrumento seletivo e segregador de usuários em potencial para as grandes empresas de *marketing* e crédito bancário, garantindo a “credibilidade” e confiabilidade das pessoas listadas nos arquivos.

O banco de dados registra os consumidores confiáveis e dignos de crédito, eliminando todo o restante que não deve ser levado em conta no jogo do consumo simplesmente pelo fato de não haver nada a registrar sobre suas atividades. (...) a principal função do banco de dados é garantir que nenhum intruso entre aí sob falsas alegações e sem credenciais adequadas. Quanto mais informação sobre você contenha o banco de dados, mais livremente você poderá se movimentar (BAUMAN, 1999, p. 51).

Assim, testemunha-se a mudança de uma sociedade de um sistema no qual poucos observam muitos para outro no qual muitos observam poucos. No panóptico, específicos residentes locais vigiavam outros moradores locais; já no sinóptico, os habitantes locais observam – e são seduzidos a observar – os globais, que são conhecidos por celebridades do mundo da política, entretenimento e esporte. A flutuação dos globais para além do mundo físico dos locais, garante a sua autoridade e superioridade de uma vida exemplar a ser cobiçada e perseguida pelos habitantes locais (BAUMAN, 1999). Somado a isso, os

espetáculos de hoje, promovidos pela lógica de mercado, tomam o lugar de poder da supervisão e de fornecer parâmetros de conduta, não perdendo a capacidade de execução de um poder disciplinador e punitivo. A obediência aos padrões flexíveis da moda não é obtida através da imposição de um sobre o outro, mas sim, pela sedução disfarçada de livre-arbítrio. Nesse sentido, a vida passou a ser organizada em torno do *marketing*, do convencionamento, dos quereres imediatos e voláteis e da redundância (BAUMAN, 2001). Isso pode ser observado dentro das práticas de consumo.

3. PROMESSAS DO CONSUMO AO INDIVÍDUO

Ante a desestruturação dos controles sociais disciplinares, os indivíduos hoje têm a opção de assumir responsabilidades diante dos ideais mostrados pelos agentes de notoriedade – celebridades de sucesso passageiro – sendo, um exemplo disso, a alimentação. Para Lipovetsky (2004), quando obrigações religiosas como jejum e quaresma, deixam de alcançar o mesmo controle que antigamente, comportamentos individuais como o monitoramento do peso, busca de informações nutricionais e de exercícios físicos, como também o aumento de distúrbios alimentares, formam o cenário dos indivíduos hedonistas e dependentes de tendências do mercado. A sedução do mercado para esses estilos de vida, vendem a ideia de que somente a partir de sua obtenção que a felicidade e dignidade humana serão conquistadas. Enquanto o consumo for a medida necessária para a felicidade, nenhuma aquisição ou experiência corpórea são capazes de satisfazer a existência humana da mesma maneira que as promessas de “manter-se nos padrões” (BAUMAN, 1998).

Nessa sociedade consumista, a felicidade e completude sempre estão a um passo à frente de serem alcançados por seus consumidores. Se nenhum dos objetos e experiências adquiridas poderão aplacar a satisfação o que de fato seduz e vicia, é a promessa de prazer que o acesso e consumo de infinitos produtos podem oferecer. Esse acesso, porém, é desigual. Em uma vida rodeada de incerteza e insegurança, aquele que é dependente do ato de comprar encontra-se em função de fatores além da grande disponibilidade de produtos de consumo, visto que nem todas as possibilidades de escolha são realistas para um grande

número populacional (BAUMAN, 2001). Assim, em uma sociedade economicamente voltada pela propulsão do consumo, isto é, da valorização de consumidores e não de seus produtores, certos sujeitos não serão vistos como úteis no jogo e funcionamento lucrativo da economia visto que “[...] não possuem cartões de crédito, não podem contar com cheque especial nos bancos e as mercadorias que mais precisam trazem pouco ou nenhum lucro para os comerciantes” (BAUMAN, 2009, p. 100). Ou seja, estão à margem das possibilidades colocadas pelo sistema econômico e produtivo no qual tange ao consumo.

Ao mesmo tempo que a sociedade de consumo denuncia a desigualdade pela diferença no poder de compra, ela também pode disfarçá-la para aqueles que não possuem o dinheiro no momento presente. Pela pluralidade de marcas, tipos e modos de acesso ao produto, o mercado busca garantir que as pessoas com menor poder aquisitivo possam consumir as tendências, ao mesmo tempo em que as diferencia das classes mais altas. O direito à autoafirmação e a habilidade de controlar o cenário de consumo factível expõe a contradição da sociedade líquido-moderna sobre a assegurada liberdade ofertada a todos cidadãos sem precedentes. Tal fenômeno social contraditório é analisado por Bauman (2009) ao indicar que cada sujeito é ensinado a enfrentá-lo sozinho como um problema pessoal. Vê-se uma mudança de foco no qual, a partir da correlação entre a liberdade para consumir e a potencialização de uma lógica individualista, é denunciada a responsabilização de cada um pelo fracasso do sucesso de ser feliz materializado pelo ato de consumo.

Podemos dizer que, em sua fase líquido moderna, a cultura é feita na medida da liberdade de escolha *individual* (voluntária ou imposta como obrigação). É destinada a servir às exigências dessa liberdade. A garantir que a escolha continue a ser *inevitável*: uma necessidade de vida e um *dever*. A assegurar que a responsabilidade, companheira inseparável da livre escolha, permaneça lá onde a condição líquido-moderna a colocou: a cargo do *indivíduo*, apontado hoje como o único administrador da “política da vida” (BAUMAN, 2010, p.33, grifo do autor)

O consumismo observado atualmente relaciona as posses com a expressão de individualidade. Observa-se o deslocamento de uma determinação pela posição social por uma autodeterminação compulsiva e obrigatória. Em outras palavras, a condição atual

transforma a identidade humana de algo “dado” em um “encargo” sendo responsabilidade dos sujeitos escolherem e desempenharem a tarefa e encararem suas consequências (BAUMAN, 2009).

4. O FLUXO DE IDENTIDADE

Conforme teorizada por Bauman (2004), a fluidez das relações humanas reflete-se no modo como as identidades são construídas e na instabilidade que permeia a subjetividade contemporânea. O autor destaca a constante busca por conexões significativas em um ambiente que torna os vínculos fracos e temporários. A insegurança dos sujeitos, incapazes de se comprometer inteiramente, cria um cenário de relações simultaneamente desejadas e temidas no qual o outro é visto tanto como fonte de afeto quanto como um potencial obstáculo à liberdade individual. Essa oscilação entre desejo e medo molda não apenas os relacionamentos, mas também a própria construção identitária, que passa a ser compreendida como algo fragmentado e transitório. Quando a identidade “perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável” (BAUMAN, 2005, p. 30), torna-se uma questão para ser resolvida na pós-modernidade. Com a aceleração e flexibilização do tempo, os sujeitos não podem mais confiar na utilidade pretensiosa das estruturas de referências, justamente por sua característica duradoura, não acomodando novas possibilidades de identidades: “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33). Ao contrário de construir identidades fixas e sustentáveis, os indivíduos transitam entre múltiplas máscaras adaptáveis, que podem ser trocadas conforme a necessidade e a conveniência. Esse movimento de portabilidade de identidades promove o desenvolvimento de subjetividades superficiais, onde a identidade é moldada por uma série de conexões efêmeras, frágeis e, muitas vezes, utilitárias.

Assim, a construção da subjetividade e das relações humanas torna-se cada vez mais dependente de fatores externos e instáveis (como, por exemplo, a imagem pública, as

tendências do consumo e a validação social). Em vez de ancorar-se em experiências e valores compartilhados, o sujeito pós-moderno vê-se compelido a construir sua identidade de forma independente, isolando-se do coletivo e criando uma política de vida individualista e privatizada. Tal configuração produz uma insatisfação contínua e gera, paradoxalmente, uma espécie de solidão acompanhada, na qual o outro é buscado não como uma fonte de acolhimento e conexão, mas como um meio para reafirmar a própria identidade.

Tal fluidez das relações e da própria subjetividade destaca o dilema contemporâneo de viver em um mundo de conexões superficiais, em que a verdadeira compreensão do outro, e de si mesmo, é continuamente frustrada pela dinâmica do consumo e da instabilidade. O conceito do “cheque em branco”, discutido por Bauman (2009), sugere que o amor envolve um compromisso com a alteridade e com o mistério do outro – como o ato de assinar um cheque em branco –, sendo um processo que exige vulnerabilidade e aceitação das incertezas. No entanto, a sociedade contemporânea, pautada pelo imediatismo e pelo consumo, tende a rejeitar a permanência e o aprofundamento nas relações. Além disso, o fenômeno da globalização afeta o poder do Estado e as identidades nacionais, que passam a ser influenciados pelas forças do mercado e suas oportunidades de promover lucro – tendência na sociedade de consumo. Não sendo monitoradas e protegidas pelas instituições do Estado, as identidades ganham livre curso e cada indivíduo é responsável por capturá-las, utilizando recursos próprios (BAUMAN, 2005).

Embora tal promessa de autonomia, de tentadoras experiências não vividas possam causar euforia a curto prazo, a flutuação dos sujeitos num espaço não definido e inseguro, torna-se a longo prazo uma condição produtora de medo e ansiedade. Ao mesmo tempo em que “estar fixo” em uma identidade dentro de uma infinidade delas também não se mostra uma proposta atrativa. Como Bauman (2009) aponta, o consumo na sociedade líquido-moderna é uma ferramenta de afirmação, mas sua natureza transitória também alimenta o sentimento de incompletude, afastando os indivíduos de uma verdadeira introspecção e de um desenvolvimento identitário estável. Ao se envolver em uma rede de escolhas descartáveis, os sujeitos veem-se obrigados a redefinir continuamente sua identidade em

um esforço para acompanhar as demandas de uma cultura que celebra o novo e a adaptabilidade. Dentro da lógica do consumo, tudo possui um preço e passível, portanto, de ser ocupar o lugar de uma mercadoria desejável. Nesse sentido, mais do que agente que obtém novos objetos para satisfação, cada um necessita, também por questão de sobrevivência, colocar-se na posição de objeto detentor de algum valor para um mercado ávido por novidades. Desse modo, “[...] os produtos que elas são estimuladas a colocar no mercado, assim como promover e vender, são *elas próprias*” (BAUMAN, 2013, p.37, grifo do autor). Justamente pela fragilidade de investimentos pessoais duradouros, Bauman assinala que a atitude mais prudente a ser tomada é a portabilidade de identidades que funciona “como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p.37). Nota-se o avanço das comunidades guarda-roupa, conhecidas por sua inconstância e volatilidade, “[...] reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides” (BAUMAN, 2005, p. 37). Para a sociedade de consumo, assim como ocorre com qualquer mercadoria, as relações humanas reificadas percorrem o trajeto do desejo, do consumo e do descarte. Uma das explicações para a diluição dos laços afetivos se deve ao predomínio dos recursos tecnológicos em detrimento das relações pessoais face a face. Observa-se a substituição de laços profundos por um amontoado de contatos superficiais e momentâneos, nos quais “você tende a trocar uma identidade, escolhida de uma vez para sempre, por uma ‘rede de conexões’” (BAUMAN, 2005, p. 37).

Diante de tal ascensão da individualidade em oposição a projetos coletivos, Bauman (2009) assinala que a globalização colabora para uma política de vida privatizada, pois retira a visibilidade de ações políticas relevantes e passam a direcionar o interesse público para a exposição da vida privada dos conselheiros das telas. A publicidade convoca todos a experimentarem o prazer obtido por uma pequena elite consumidora, fazendo-os crer que podem e devem desfrutar dos mesmos bens. A responsabilidade recaída sobre a ação particular dos sujeitos contemporâneos demonstra na prática que não é possível fazer algo que de fato seja importante para uma vida coletiva (BAUMAN, 2009). Tendo como

referência o historiador norteamericano Christopher Lasch, Bauman afirma que uma vez que os homens perdem a esperança de melhorar suas vidas coletivamente, eles se convencem de que a busca pela melhoria psíquica é o mais relevante, voltando-se para si mesmos. Isso pode ser visto em discursos que incentivam entrar em contato com seus sentimentos, adotar uma alimentação saudável, praticar esportes, investir em idas aos centros de compras (sejam virtuais ou físicos), entre outros. Por transformarem-se em um curso envolto na retórica de consciência e autoafirmação, acabam resultando em uma retirada do indivíduo da esfera política (BAUMAN, 2009). Quando a impotência individual é imperativa, a ação e o pensamento humano direcionam-se para coisas que importam menos, que são mais supérfluas e transitórias.

Diante disso, o autor observa que a insegurança nos tempos atuais, demonstra que com o colapso da comunidade – espaço onde encontra-se companhia e segurança – houve a tentativa de sua substituição pela identidade, uma atividade sempre incompleta na qual todos estamos engajados, por indispensabilidade ou escolha. Tal “passatempo substituto” de rearranjar as identidades, é apenas mais uma das atividades que auxiliam os sujeitos a lidarem com seus medos do fracasso e responsabilidade.

O que poderia ter começado como um empreendimento consciente pode se transformar, com o passar do tempo, numa rotina irrefletida, por meio da qual a afirmação eterna e sempre repetida de que “você pode se tornar alguém diferente de quem é” é reformulada na frase “você tem de se tornar alguém diferente de quem é” (BAUMAN, 2011, p. 143).

A cultura organizada ao redor do consumo desenfreado e da fragmentação identitária, com suas inúmeras exigências de desempenho e adaptatividade na vida social de trabalho e relacionamentos, retira do sujeito o tempo necessário para assimilação de seus fracassos, de suas contradições e seus sofrimentos. Por conseguinte, impactando a construção de sua identidade, que precisa permanecer em fluxo para atender as demandas da sociedade líquido-moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações que caracterizam a sociedade líquido-moderna, tal como analisado por Zygmunt Bauman, apontam para uma era de instabilidade, fluidez e incerteza que afeta profundamente as relações humanas, as instituições e a construção da identidade. Um cenário em que a permanência deu lugar à transitoriedade e a busca por liberdade individual passou a moldar um ambiente marcado pela descartabilidade, pela efemeridade das conexões e pela fragmentação do tempo e do espaço. Dentre as diversas ambivalências observadas pelo autor, destacamos o enfraquecimento das comunidades e o fortalecimento do individualismo. Vê-se em paralelo, a defesa da liberdade, tomando a existência do outro como ameaça ao bem-estar particular. Como segundo ponto, a ampliação da globalização e, com ela, a sensação de desterritorialização, ao mesmo tempo em que é enfraquecida a possibilidade de mobilidade de sujeitos locais. Terceiro, ampliação do medo e, com ele, a presença de uma série de efeitos colaterais como diferentes expressões de angústia e mal-estar subjetivo. Isso nos leva ao quarto ponto. Enquanto alternativa, vê-se a expansão das práticas de consumo e o enfraquecimento de traços identitários duráveis, substituídos por outros mais marcados pela efemeridade. No entanto, essa aparente liberdade e flexibilidade têm um custo. O individualismo exacerbado e a mercantilização das relações sociais levaram a um esvaziamento da profundidade nas interações humanas e ao desengajamento das esferas públicas, contribuindo para a fragilidade dos laços comunitários e para a solidão em um mundo hiperconectado. As instituições, outrora estáveis e confiáveis, também foram abaladas, gerando incertezas em relação à política, ao trabalho e à vida cotidiana. Constituindo um cenário no qual o indivíduo torna-se cada vez mais fortalecido por discursos que o responsabilizam por seus fracassos e sucessos particulares.

Além disso, a cultura do consumo desempenha um papel crucial na redefinição das identidades, que, na modernidade líquida, são moldadas pelo desejo e pela capacidade de consumo, em vez de por laços sociais e tradições. A identidade, assim, tornou-se um projeto em constante construção, onde o indivíduo é compelido a se reinventar para se adaptar às demandas de um mercado que valoriza a novidade e a inovação acima de tudo, configurando-se como identidades portáteis. O impacto dessas mudanças vai além das

esferas pessoal e social, atingindo também a dimensão política. A fluidez da modernidade líquida enfraquece a coesão social e desestimula o engajamento político, tornando as ações coletivas menos eficazes em uma sociedade que valoriza mais o consumo do que a cidadania. Nesse contexto, a desigualdade social é exacerbada, pois o acesso aos recursos necessários para navegar pela fluidez do mundo contemporâneo está longe de ser equitativo. Dessa forma, ao analisar a sociedade líquido-moderna de Bauman, percebemos que a liberdade conquistada pelo enfraquecimento das estruturas tradicionais trouxe consigo novas formas de insegurança e alienação. A fluidez que caracteriza nosso tempo cria uma ilusão de liberdade e controle, mas também impõe desafios que afetam a coesão social, as relações humanas e o sentido de pertencimento. Em diálogo com Rein Ruad, Bauman apresenta o seguinte questionamento (2015, p.84): “[...] Poderíamos resistir à demanda neoliberal de resolver individualmente, com recursos individualmente possuídos e controlados, problemas sociais que são socialmente gerados? [...]”. Entendemos que embora a sociedade líquida prometa maior autonomia, ela também nos confronta com a urgência de encontrar novos caminhos para lidar com as incertezas e as desigualdades que ela mesma produz, o que nos leva a possibilidade de realizar uma reflexão crítica sobre a direção que estamos tomando enquanto coletividade e o mundo no qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Mortality, immortality and other life strategies. Stanford University Press, 1992.

_____. O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. Globalização. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

_____. Comunidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

_____. **AMOR LÍQUIDO:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro. Zahar, 2004.

_____. **IDENTIDADE:** Entrevistas a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

_____. **A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA:** vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2009.

_____. Capitalismo Parasitário. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. A ética é possível num mundo de consumidores? Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2011.

_____. Vigilância Líquida. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2013.

_____ ; RAUD, R. A individualidade numa Época de Incertezas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. São Paulo. Editora Barcarolla, 2004.

SAROLDI, N. O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: as obrigações do desejo na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SEVERIANO, M. F. V. ACELERAÇÃO SOCIAL E CULTURA DIGITAL: novas formas de dominação. Comunicações: Programa da Pós Graduação em Educação, v.24, n.2, p. 83-101, maio/ago. 2017.